

## Segunda batalha busca a vitória definitiva

Carlos Cândido

ATALEIA, MG. — Um *exército* de pobres, constituído de lavradores, bancários e professoras, se prepara para enfrentar, neste município cheio de contrastes do Vale do Mucuri mineiro, diante 525 quilômetros de Belo Horizonte, a segunda batalha da guerra presidencial: A primeira batalha ele ganhou, ao conseguir para o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, 3.035 votos contra 2.662 dados a Fernando Collor de Mello, do PRN, no primeiro turno, quando encontrou os inimigos desorganizados. Os inimigos são os *coronéis* acostumados a comprar os votos dos eleitores da região e o único industrial da cidade, Luciano Lira, que apoiou Collor.

O costume dos políticos em Ataleia é comprar o voto do eleitor dando-lhe em troca mantimentos, material de construção ou dinheiro mesmo. A população - 21.336 de acordo com censo de 1980, mas que vem diminuindo ano a ano - fala disso com naturalidade, inclusive os coronéis, como João Batista da Silva, o João Buteco, amigo íntimo do ex-governador Hélio Garcia e do ex-presidente Tancredo Neves. Em 1988, conta João Buteco, ele vendeu 2.000 bois e gastou o equivalente a NCz\$ 3 milhões, na eleição para prefeito. Seu aliado, Antônio Pereira de Almeida, o mais antigo coronel de Ataleia, candidato pelo PMDB, gastou quantia idêntica. E perderam.

**Cansaço** A vitória naquela eleição ficou com o candidato do PDT, Edison Gomes de Oliveira, o Baú. Ex-presidente do Sindicato Rural de Ataleia e dirigente da UDR, Baú apenas usou a sigla do PDT para concorrer, porque seu pai, o coronel Serafim Gomes não concordou em apoiar o coronel Antônio Almeida e lançou o filho. "Toda vida fui burro de carga dos candidatos. Cansei", argumenta o coronel Serafim. Nesta eleição, porém, como seus adversários, ele não fez campanha. Votou em brizola e não se esforçou para impedir a vitória de Lula no município.

"A eleição em Ataleia é muito cara. Eu gastei tanto no ano passado que fiquei pobre e sem condições de fazer campanha agora. O povo votou em quel ele achou que tinha de votar", disse o coronel Serafim.

Ao alegar que está pobre, Serafim exagerou. Ele tem três fazendas num total de 1.200 alqueires e embora não revele lhe sobram alguns milhares das 5.000 cabeças de gado que tinha antes da eleição de 88, segundo se comenta em Ataleia. Mas é fato que os coronéis não pediram votos para seus candidatos e deixaram os eleitores escolherem livremente, enquanto o pequeno *exército* do PT fazia campanha intensa.

Do lado oposto, apenas o industrial Luciano Lira, proprietário da Laticínios Lira Ltda, e seus parentes, distribuíram *santinhos* pró-Collor, mas, com medo da chuva, sequer saíam dos seus luxuosos carros, como lembra divertida a professora Rivani Lopes Negreiros, presidenta do diretório do PT em Ataleia.

É no transporte que começa a corrupção do eleitorado em Ataleia. Ele é a garantia que o eleitor comparecerá para votar "no candidato do patrão", como se fala na cidade. O mais importante, porém, é dar ao eleitor o que ele pedir. "Depois da eleição o povo fica bonito, dá gosto de ver: roupa nova, sapato novo, gordo, arranca os dentes estragados", conta bem-humorado o coronel João Buteco, sentado na varanda da sua fazenda enquanto bebe uma dose de uísque importado Haig, presente do seu amigo Hélio Garcia.

**Casa por casa** — Como diz o outro coronel, Serafim Gomes, "para votar de graça, o povo prefere votar no PT". E foi no PT que o povo votou desta vez, mesmo nesse velho reduto de coronéis. Após vencer o 1º turno com quase 37% dos votos, já prepara a campanha do 2º turno.

A estratégia foi traçada numa reunião da casa paroquial de Ataleia, com a presença do diácono Mauro, às vésperas da ordenação sacerdotal, no município vizinho de Teófilo Otoni. Novo na paróquia, Mauro não se envolve com o PT, mas cede a casa para reuniões. Nessa noite, fica certo que todo militante voltará à roça, casa por casa, agradecerá o voto no 1º turno e pedirá que todo mundo vá de Lula de novo.